

MUDANÇA PESSOAL E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

- APRENDIZAGENS SOBRE O PERDÃO EM SALA DE AULA

Marco Antonio Gusmão Bonelli¹

RESUMO

Este artigo trata da necessidade de reconciliação e de perdão, quando nos defrontamos com situações vividas e atos cometidos, que geram dores, sofrimentos, humilhações e até a morte de outras pessoas. Avaliando com honestidade e seriedade esse problema, notamos situações e atitudes que se apresentam à consciência como males, pecados, injustiças, enfim, situações que não deveriam existir e que nos impedem de viver em paz conosco mesmos, com os outros e com Deus. Podemos tomar consciência desta questão, viver o arrependimento sincero, mudar de atitude, como seres humanos dotados de liberdade. Surgem, então, novas questões: este é um problema na consciência de cada pessoa? Como solucioná-lo? É suficiente o arrependimento pessoal? Trata-se de um tema central da fé cristã, além de ser um problema humano fundamental que afeta a todos nós. Vale a pena meditar sobre ele. Registramos aqui, breves notas sobre uma experiência de debate sobre esse tema, com estudantes universitários da PUC-Rio.

PALAVRAS CHAVE

perdão, justiça social, fé cristã, conversão, transformação pessoal e social, prática pedagógica

1 – Para início de conversa...

O tema do perdão foi, desde as origens, um assunto muito presente e importante na fé cristã. A necessidade de superar tantas situações desumanizadoras, de sofrimento e injustiça parece mesmo uma realidade constante na história humana. Este é um problema que afeta a todos nós, seja no contexto de cada pessoa em particular, seja num sentido mais amplo da vida coletiva da humanidade, em seus diversos níveis de escala (familiar, social, nacional, mundial, global). Essa realidade dos males e sofrimentos que oprimem e tornam indigna a condição humana foi interpretada pelas comunidades cristãs, como uma situação que afronta a vontade de Deus e se contrapõe à sua ação amorosa no mundo.

De fato, nós podemos cuidar e zelar pelo planeta, como também podemos usar dos recursos naturais de forma predatória e irresponsável. Podemos tanto cultivar relações interpessoais de diálogo e respeito mútuo, como também relações de humilhação e exploração do outro. Podemos manter um diálogo filial e sincero com Deus, mas também podemos usar o fingimento e a falsidade neste diálogo, recorrendo a variados artifícios para disfarçar nossos egoísmos e más intenções.

É notável, portanto, a radical AMBIGUIDADE presente em nossa condição antropológica. Somos capazes de sublimes gestos de generosidade, como também das atitudes mais cruéis e

¹ Marco Antonio Gusmão Bonelli é doutor em Teologia pela PUC-Rio, professor do Setor de Cultura Religiosa do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

egoístas. Isso tudo nos adverte que esbarramos de forma recorrente no problema do mal e do pecado.

Trazendo esta reflexão para as situações práticas do cotidiano, devemos considerar que essa recusa da vida em harmonia com o Criador deriva, em grande medida, das ESCOLHAS que fazemos, como também das arbitrariedades e injustiças que nós mesmos praticamos. Onde há LIBERDADE de agir no mundo, há também RISCO de vir à tona a realidade do mal e do pecado. Tomando consciência de sua própria responsabilidade nesta realidade sofrida e injusta, o próprio ser humano acaba se reconhecendo como necessitado do perdão de Deus e da reconciliação com as vítimas de tais sofrimentos e injustiças.

Muitas perguntas podem surgir diante desta situação humana tão desafiadora e desconcertante. A força negativa das situações de sofrimento e morte, derivadas de tantas injustiças praticadas pelo próprio ser humano pode ser superada ou vencida pela força do bem? Afinal de contas, neste mundo de tantos males e pecados não estão atuando também o amor de Deus e a boa vontade de tantos homens e mulheres que lutam pela justiça, pelos direitos humanos e pela restauração da vida e da dignidade das pessoas mais sofridas? Ainda se pode falar, sem moralismos ingênuos, que o pecador sinceramente arrependido possui efetivamente chances de redenção, para começar uma vida nova, voltada para o bem, para a prática do amor e da justiça com o próximo e com a sociedade?

Como se pode ver as perguntas são muitas e as respostas não são assim tão simples de se obter. Vamos aqui neste artigo buscar algumas pistas de reflexão, com o auxílio de duas fontes inspiradoras de sabedoria: de um lado os relatos da realidade social por meio de notícias publicadas na imprensa e, por outro lado, as análises produzidas pelo olhar inquieto e crítico dos jovens estudantes universitários.

Vamos lá...

2- Reflexões sobre o tema do perdão a partir de experiências vividas em sala de aula, com estudantes universitários

Em minha trajetória como professor de Cultura Religiosa da PUC-Rio, pude desenvolver um processo de ensino e aprendizagem muito rico e instrutivo, ou seja, ensinar e aprender tem sido fundamental nesse itinerário pedagógico. Compartilho a seguir algumas observações e reflexões a partir do caminho percorrido tomando alguns exemplos de matérias jornalísticas, destacando o modo inteligente e criativo com que estas reportagens foram analisadas pelos estudantes relacionando seu conteúdo com a mensagem de Jesus sobre o tema do perdão.

Num primeiro momento, criamos para cada turma um “fórum virtual de debate” , dentro do ambiente EAD da universidade.² Depois de organizar a turma em grupos de 4 alunos, solicitamos que cada grupo escolhesse livremente notícias de sites jornalísticos, abordando questões sociais relevantes da realidade brasileira atual. Neste exercício, a notícia escolhida por cada grupo deveria ser publicada e comentada no fórum de debates da turma. Sugerimos que os grupos analisassem a notícia escolhida levando em conta alguns aspectos: *“Qual o problema social referido na notícia? Trata-se de uma questão importante no Brasil? Por que? Há quanto tempo essa “ferida social” se faz presente na sociedade brasileira?”*

Num segundo momento do exercício, pedimos que os grupos de alunos retomassem as notícias escolhidas, tentando relacioná-las com o tema do “perdão” e da superação do mal, vistos nas aulas como características importantes da mensagem e da atuação de Jesus. Os comentários dos alunos foram realmente muito interessantes. Para nossa reflexão, vejamos três exemplos.

Câmara aprova Marco Temporal que limita demarcação de terras e fragiliza direitos dos indígenas³

“O abandono e a violação de direitos das comunidades indígenas no Brasil é um problema antigo, uma ferida, que aflige nossa nação desde o momento de seu nascimento. A colonização do Brasil, por parte das nações européias deixou uma herança de violência, preconceito e negligência com os povos que previamente ocupavam o território. Estas são situações que permeiam a nossa sociedade até hoje.” (alunos do Grupo 1)

Essa matéria se refere ao fato de a Câmara dos Deputados do Brasil ter aprovado um projeto de lei que propõe limitar a demarcação de terras indígenas no país. Essa medida foi criticada por grupos indígenas e organizações de direitos humanos, que alegam que ela vai enfraquecer os direitos dos povos indígenas e favorecer interesses econômicos em detrimento das comunidades tradicionais. Mais adiante, outra postagem publicada pelo mesmo grupo de alunos, comenta:

“A situação descrita nessa matéria é, sem dúvida, preocupante e representa um retrocesso para nossa sociedade. É lamentável constatar que ainda existem pessoas com uma mentalidade colonial, discriminatória e excessivamente voltada para o capitalismo. Essas ideias e práticas não apenas minam os direitos dos povos indígenas, mas também comprometem os princípios de justiça e igualdade que buscamos alcançar. É fundamental trabalharmos para promover uma sociedade inclusiva, respeitando e protegendo os direitos de todos os cidadãos, independentemente de sua origem étnica ou cultural.” (Grupo 1)

² Há uma seção para cada turma, dentro do ambiente de educação à distância (EAD), no sítio da PUC-Rio na internet. A experiência relatada aqui se deu nas atividades e exercícios realizados com uma turma da disciplina *Cristianismo e Problemas Sociais*, no ano de 2023.

³ Matéria publicada no portal de notícias do jornal *O Globo* em 30 de maio de 2023. Link de acesso ao texto da reportagem - <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/30/camara-aprova-texto-base-de-projeto-que-limita-demarcacao-de-terras-e-fragiliza-direitos-dos-indigenas.ghtml>

Nota-se nas respostas desses alunos uma consciência crítica a respeito do modo como os povos indígenas foram historicamente agredidos e prejudicados em seus direitos. Além disso, a análise deste grupo deixa entrever a percepção de que a restrição dos direitos das comunidades indígenas se apresenta como uma situação de desigualdade e injustiça, que precisa ser corrigida em nosso país. A análise dos alunos destaca a idéia da igualdade fundamental entre todos os cidadãos. Sim, é preciso recordar e enfatizar: os índios são “CIDADÃOS”, possuem direitos previstos na constituição brasileira... São também, do ponto de vista da fé cristã, “FILHOS DE DEUS”, criados à imagem e semelhança de Deus tanto como os brancos, os negros e as pessoas de todas as raças, povos e culturas (cf. Gn 1,26-27).

Se projetos de lei incentivam o predomínio de interesses de grupos econômicos e políticos, sobre os direitos de grupos mais vulneráveis e menos representados no congresso nacional, tal situação de fato acaba gerando um desequilíbrio, uma injustiça social, uma “ferida” que precisa ser compreendida e curada. Diante deste contexto, parece mesmo haver uma necessidade de superação do mal e do pecado, presentes tanto nas atitudes de indivíduos, como também nas estruturas sociais e políticas brasileiras.

Propomos o seguinte questionamento: a transformação dessa realidade humana coletiva, não se faz mesmo urgente e necessária para que possamos vislumbrar, de modo mais efetivo, o ideal de vida apresentado por Jesus quando dizia “Eu vim para que TODOS tenham vida e VIDA EM ABUNDÂNCIA” (cf. Jo 10,10)? Mas não é só nesse tema que podemos notar a articulação entre a realidade social brasileira e as exigências da fé cristã. Vejamos outras situações que apontam para essa direção.

Aos 100, Disney lança Ariel negra e encara passado racista⁴

Esta notícia foi também muito destacada e comentada pelos estudantes, no fórum de debates do exercício proposto. A reportagem aborda um fato originado no contexto de uma produção de cinema estadunidense. No entanto, os estudantes da PUC-Rio notaram que o problema do racismo e do preconceito relatados na matéria está muito presente aqui mesmo na sociedade brasileira.

“A problemática levantada pela estréia do filme (*live action*) “A pequena sereia” é relevante para o mundo. Mas falando especialmente do Brasil, a questão da representatividade racial é extremamente importante, considerando a diversidade étnica do país e as desigualdades históricas enfrentadas pela população negra. Essa “ferida social” se faz presente na sociedade brasileira

⁴ Matéria publicada no portal de notícias da emissora *Deutsche Welle* em 20 de fevereiro de 2023. Link de acesso ao texto da reportagem - <https://amp.dw.com/pt-br/aos-100-disney-lança-ariel-negra-e-encara-passado-racista/a-64768429>

desde o período da escravidão, com séculos de discriminação e exclusão que persistem até os dias de hoje.

A realidade social abordada na notícia afeta muito a vida das pessoas envolvidas, e também da população negra, que enfrentam a falta de representação em mídias e a perpetuação de estereótipos raciais. A representatividade é importante para a construção de uma identidade positiva e para combater o impacto negativo do racismo. “Ao ler a matéria escolhida, podemos perceber como o racismo ainda é uma pauta muito atual, infelizmente.” (Grupo 2).

“Impressiona muito, realmente, o fato de o filme ter despertado tantas críticas racistas, apenas por ser a protagonista uma mulher negra e alguns indivíduos não terem gostado da escalção da mesma para o papel principal. É um absurdo e revoltante por diversos motivos. Um deles se baseia em que, enquanto insistem em ofender a atriz escolhida pela Disney, milhões mais sofrem junto com ela, milhões mais se sentem ofendidos por ela e carregam o peso de tantos anos de preconceito e exclusão social. E nesse contexto, o perdão surge como um tema complexo, controverso e muito relevante que iremos abordar a seguir. Embora tenhamos discutido em sala de aula sobre o perdão e sua importância, muitas vezes parece difícil ou até impossível perdoar pessoas e grupos que promovem preconceitos e atitudes racistas na sociedade. Pensando no caso específico das ofensas lançadas sobre a atriz e o filme aqui analisados, é extremamente compreensível que ela e a população negra hesitem em perdoar os ofensores. Entretanto, vale a pena carregar o peso da raiva e do ressentimento, mesmo que justificáveis, principalmente aqueles que já sofreram com tantas feridas sociais e históricas ao longo dos anos? Se Halle Bailey absorver todos os comentários preconceituosos que recebeu e infelizmente ainda receberá, sua vida não se tornará pesada e obscura?” (Grupo 3)

Após tantos anos de escravidão e preconceitos, feridas históricas causadas por uma sociedade racista, a reflexão sobre o perdão poderia parecer ingênua e ineficaz. No entanto, observando a questão por outro ângulo, a mensagem cristã sobre perdão e reconciliação talvez possa oferecer uma nova perspectiva de análise. Isto será válido, desde que não seja uma forma de “disfarce” para mascarar ou ocultar os sofrimentos causados pelo racismo. Este problema social precisa ser corretamente diagnosticado, o mal deve ser tratado, superado e não escondido. Neste sentido, é bem interessante a observação indicada pelos alunos deste grupo.

“Afim, o perdão nesse caso não significa aceitar ou justificar o racismo, muito menos esquecer os danos causados por ele, mas sim agir como uma forma de buscar a própria paz interior e libertar-se do peso emocional causado por sentimentos negativos e pessoas de má fé. Dessa forma, ao escolher perdoar, a pessoa afetada pode encontrar um caminho para curar suas próprias feridas, aliviar o fardo que o racismo impõe e focar em objetivos maiores, como a mudança social e a reparação histórica que apesar de lenta, está acontecendo. Portanto, o perdão não deve ser confundido com tolerância ao racismo, mas sim como uma escolha pessoal para superar os efeitos negativos causados pelo preconceito.

Em conclusão: enfrentar o racismo e trabalhar em prol da igualdade requer coragem, resiliência e determinação. E o perdão, como discutimos em aula, pode ser um componente importante desse processo, permitindo que as vítimas do

racismo se libertem emocionalmente e se concentrem na busca por justiça e mudança.”

“Complementando o que mencionei no comentário acima, também vemos a importância do perdão na parábola do “*filho pródigo*” (Lc 15, 11-32), discutida em aula, onde mesmo após o filho mais novo ter agido de forma egoísta e irresponsável, abandonando seu pai e partindo com a herança, ao voltar para casa com fome e mãos vazias, seu pai o perdoa e acolhe sem nenhum ressentimento. Mesmo tendo motivos para sequer recebê-lo de volta em sua casa, o pai teve compaixão e talvez consciência de que ao perdoar o filho ele não estaria apenas ganhando o filho de volta, mas também sua própria paz de espírito. O irmão mais velho, por exemplo, ao guardar rancor do irmão caçula e de suas atitudes passadas acaba carregando o peso de um sentimento ruim que se não propriamente resolvido pode afetar a relação com sua família e consigo mesmo, sendo muito prejudicial. O ato de perdoar, como dito anteriormente não significa esquecer ou tolerar os erros, que no caso da parábola foram as atitudes do filho mais novo, mas sim de escolher um caminho libertador mais leve, amoroso e empático com os outros e com nós mesmos.” (aluna do grupo 3).

Estas mensagens expressam a capacidade do grupo em relacionar a famosa parábola contada por Jesus com a questão do racismo presente, tanto no episódio envolvendo o filme citado, como também na história do Brasil, marcada por três séculos de escravidão e exploração de pessoas negras originárias do continente africano. Na visão dos alunos, a possibilidade de perdoar pessoas e grupos sociais que adotaram discursos e práticas racistas, não deve ser visto como uma atitude de “passar pano”, como dizem os jovens. Não se pode adotar uma postura de fingimento, ou de falsa reconciliação diante de um problema social tão sério e profundo como o racismo, seja no Brasil, nos Estados Unidos, ou em qualquer outro lugar. Ao comentar sobre esta complexa questão, os estudantes mostram o entendimento de que para haver uma experiência autêntica de PERDÃO, que possa de fato RECONCILIAR quem ofendeu com quem foi ofendido, faz-se necessário uma transformação real das práticas e atitudes, de modo que se possam inaugurar RELAÇÕES HUMANAS REALMENTE NOVAS.

De um lado, a pessoa que foi vítima de ofensas e injúrias possui marcas de sofrimentos e humilhações que precisam ser sanadas. Mas para que possa recuperar a paz e retomar a vida normal, precisa ter sua dignidade restaurada e reconhecida, de modo especial por aqueles que causaram o dano e proferiram as ofensas. Coloca-se, dessa forma, a importância de temas fundamentais como o reconhecimento do sofrimento imposto ao outro, além da revisão de vida, com o arrependimento sincero das más atitudes e das práticas preconceituosas. Mas isso ainda não será suficiente se não chegarmos ao passo seguinte, ou seja, à busca de mecanismos individuais e coletivos para promover uma realidade nova, onde o mal do preconceito e do racismo possam ser reparados e corrigidos. Este sim seria um gesto efetivo e decisivo para um processo realmente transformador dos corações, das atitudes e também das estruturas sociais que promovem e sustentam, há tanto tempo, o racismo no Brasil.

Por outro lado, com suas abordagens e reflexões, os alunos dialogam com nossa proposta pedagógica, afirmando que uma autêntica experiência humana de perdão e reconciliação (entre negros e brancos, por exemplo), precisa passar pela promoção de relações humanas novas, incentivando as pessoas e a sociedade como um todo a assumir uma vida mais justa, fraterna e abençoada por Deus. Para que isso ocorra de fato, serão necessárias mudanças também nas estruturas e instituições culturais e sociais, de modo que pessoas negras possam assumir protagonismo nas telas de cinema, como também nas salas de aula, nos postos de liderança nas empresas, nos poderes públicos, nos espaços onde são tomadas as decisões políticas, legislativas e jurídicas realmente importantes, capazes de criar um futuro novo, com uma realidade social também nova, mais condizente com a paz e a fraternidade universal afirmadas na mensagem cristã. Esse foi o aspecto destacado por outro grupo na notícia seguinte.

Fiocruz debate os 10 anos da lei de cotas raciais⁴

“O grupo escolheu essa matéria porque ela marca os dez anos da implementação da Lei de Cotas raciais na educação brasileira. O evento online foi organizado para refletir sobre os avanços alcançados nesse período, bem como os desafios enfrentados para consolidar as ações afirmativas raciais na educação.

Trata-se de uma questão importante no Brasil, pois a desigualdade étnico-racial é um problema histórico no país. A política de cotas raciais nas universidades busca promover a inclusão e a igualdade de oportunidades para estudantes negros que historicamente enfrentaram barreiras de acesso à educação superior.

Nós nos sentimos mais informadas sobre o assunto após a notícia, pois conseguimos observar que devem existir debates acerca de políticas de inclusão a fim de determinar sua eficácia; é de extrema necessidade que tais políticas sejam analisadas periodicamente, analisando dados, índices, etc. Assim, conseguimos ter uma noção da eficácia e relevância da política de cotas em nossa sociedade e sua repercussão”. (Grupo 4)

De certo modo, a notícia trazida ao fórum de debates pelas alunas do grupo 4 completa as análises feitas pelos grupos anteriores. Ao comentar as informações oferecidas pela matéria, elas reforçam a percepção do racismo como um “problema histórico”, desde muito tempo, presente no Brasil. No entanto, enfatizam a convicção de que a superação do problema passa por políticas de incentivo e promoção da igualdade racial em nosso país. A análise desse grupo mostra que o mal do preconceito, que segrega e exclui, não deve ser enfrentado apenas no plano individual. As instâncias de governo e as instituições de ensino, por exemplo, precisam ser também transformadas e interpeladas para assumirem um papel ativo na criação de novas práticas e novas formas de pensar. Essa mudança estrutural e coletiva se torna assim, uma condição básica para que possamos incentivar a ampliação de oportunidades de acesso à

educação e à cultura, potencializando a conquista de direitos e formas mais dignas de vida para grupos historicamente excluídos na sociedade brasileira.

Depois dessa retrospectiva do trabalho feito em sala de aula, com alunos de uma das disciplinas de Cristianismo na PUC-Rio, que ensinamentos conseguiremos extrair? Será possível concluir que a experiência do perdão e da superação do pecado, ocorre tanto no nível da consciência individual como também no plano das relações sociais e das estruturas da sociedade em que vivemos? Creio que as matérias jornalísticas e as análises feitas pelos grupos se somam no sentido de mostrar que sim. Precisamos todos, (indivíduos e grupos sociais), nos libertar de variadas situações de opressão, humilhação, violações dos direitos mais básicos de tantas pessoas... Também necessitamos, como indivíduos, de conversão e de mudança de atitude, para superar preconceitos, egoísmos, posturas de indiferença e omissão diante dos males que desumanizam a nossa sociedade e também desumanizam a nós mesmos.

3 - Para concluir nossa conversa...

Concluindo essa reflexão podemos notar um pensamento bem amadurecido de muitos alunos sobre alguns dos problemas sociais que afetam muito a vida da população brasileira. De certo modo, esses pensamentos mostram uma conexão entre esses problemas e a mensagem cristã sobre a superação do pecado e a prática do perdão nas relações humanas.

Será útil aqui, ao final da “jornada” feita neste artigo, recordar a atitude do próprio Jesus nesse tema tão importante e desafiador. São bem conhecidas as suas mensagens sobre a compaixão de Deus, sempre disposto a perdoar todo aquele que sinceramente se arrepende de seus pecados (Jo 8,1-11; Lc 7,36-50). Apenas a título de exemplo, basta recordar dois episódios muito expressivos. Na oração do Pai Nosso, Jesus orienta seus discípulos a confiar sempre na bondade infinita do Pai celeste. Recomenda que eles rezem suplicando a Deus o perdão dos pecados, mas simultaneamente indica também a atitude de gratidão a Deus, que deve se manifestar na disposição de perdoar as “ofensas” ocorridas nas relações com as outras pessoas (Mt 6,12). Essa recomendação de agir com o próximo com a mesma misericórdia e generosidade que Deus pratica com cada um de nós, foi sintetizada de forma exemplar no Evangelho de Lucas *“Sejam misericordiosos como vosso Pai é misericordioso. Não julgueis, para não serdes julgados; não condeneis, para não serdes condenados; perdoai e vos será perdoado (...) pois com a medida com que medirdes sereis medidos também”* (Lc 6,36-38).

Esses e muitos outros textos bíblicos nos indicam um ensinamento nítido e profundo de Jesus. O perdão é um dom de Deus; uma dádiva sempre disponível a todos que necessitam. Mas é também uma “dinâmica de vida nova”, na qual somos convidados a entrar. Quem foi tocado pela ação misericordiosa de Deus e recebeu o seu perdão, deve também agir movido pela compaixão e inaugurar novas relações, assim como uma nova qualidade de vida. As antigas relações de dominação, baseadas nos interesses particulares, preconceitos, sede de poder etc., não podem mais ser aceitas e nem praticadas. O Deus de Jesus Cristo é santo e infinitamente

bondoso. Justamente por isso não vem propor uma falsa reconciliação de meias palavras e atitudes enganosas. É CONVERSÃO para valer que ele nos pede. É VIDA NOVA de verdade o que ele nos propõe. Se aceitamos seu convite, seu perdão e sua ação amorosa em nossa vida, precisamos inevitavelmente construir atitudes e relações novas, libertas do mal e do pecado.

Considerando o itinerário percorrido neste artigo, observamos que a dinâmica do perdão e da vida nova que Jesus anuncia e realiza, implica necessariamente no reconhecimento dos próprios erros, mentiras, atitudes egoístas e interesseiras que deixam tantas marcas negativas, feridas e distorções nas relações interpessoais. Neste caso, estamos nos referindo à “dimensão pessoal do pecado”, que é real e precisa mesmo ser redimida e superada. Neste dinamismo é importante nos abirmos à consciência do amor misericordioso de Deus e de sua relação com cada um de nós, orientando à busca de reconciliação e reparação dos sofrimentos que podemos provocar nas relações mais próximas ou mais distantes.

No entanto precisamos notar que há também uma “dimensão social-estrutural do pecado”, que pode ser percebida em tantas situações e contextos históricos de opressão que pesam sobre grupos sociais, e até sobre povos e nações inteiras. É impossível não sermos afetados pelas variadas formas de injustiça, sofrimento e morte em nível social e coletivo. Há situações de pecado individual pelas quais devemos responder e transformar, mas há também situações estruturais opressivas da sociedade, que se impõem sobre nós independente de nossa vontade individual. Em ambas somos necessitados do perdão e da dinâmica de vida nova que Deus vem nos oferecer mediante Jesus Cristo.

Parece correto dizer que a promoção de relações interpessoais mais humanizadas e fraternas são sinais dessa experiência do perdão de Deus, como mudança pessoal de vida. Por outro lado, os processos de transformação social da realidade em que vivemos, podem ser concebidos como complemento necessário da libertação do pecado e do mal que todos nós, coletivamente, precisamos superar.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

1. Este artigo reflete sobre a necessidade de reconciliação e perdão em situações do cotidiano. Quais os pontos que você considera centrais na reflexão proposta?
2. Como podemos articular a consciência pessoal e as mudanças sociais na busca por relações de superação e humanização?
3. Por que o perdão é um tema central da fé cristã?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONELLI, Marco Antonio G. “Pessoa humana: liberdade em processo de evolução dinamizado pela graça”, publicado em RUBIO, Alfonso Garcia e AMADO, Joel Portella (orgs.), *Fé cristã e pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador*, São Paulo: Paulinas, 2012.
- BORTOLINI, José. *Os sacramentos em sua vida*, São Paulo: Paulus, 2002.
- CASTILLO, José M. *Jesus: a humanização de Deus*, Petrópolis: Vozes, 2015.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*, Petrópolis, Vozes, 2011.
- RUBIO, Alfonso Garcia. *Elementos de Antropologia Teológica: salvação cristã: salvos de quê e para quê?*, Petrópolis, Vozes, 2004.